

MODA E AUTISMO: RECOMENDAÇÕES PARA DESIGNERS E ESTILISTAS NA PROPOSIÇÃO DE COLEÇÕES DE VESTUÁRIO

Fashion and Autism: recommendations for designers and stylists in the project of clothing collections

Warmling, Bárbara Bogo; bacharelanda; Udesc, barbarawarmling8@gmail.com¹
Batista, Isadora Marquesotti; bacharelanda; Udesc, isadoramarquesotti@gmail.com²
Almeida, Iara Purceno de; bacharelanda; Udesc, iarapurceno@gmail.com³
Babinski Júnior, Valdecir; doutorando; UFSC, vj.babinski@gmail.com⁴
Figueiredo, Luiz Fernando Gonçalves de; Doutor; UFSC, lffigueiredo2009@gmail.com⁵

Grupo de Pesquisa: Núcleo de Abordagem Sistêmica do Design, Universidade Federal de Santa Catarina⁶

Resumo: o presente artigo tem como objetivo traçar um quadro teórico com recomendações para designers e estilistas desenvolverem coleções de vestuário para pessoas autistas. Para alcançar esta finalidade, foi realizada uma revisão assistemática da literatura científica, o que permite compreender esta pesquisa como bibliográfica, básica e qualitativa. Os achados teóricos possibilitaram a elaboração de 10 recomendações que, por sua vez, foram organizadas em estéticas, funcionais e materiais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Coleção de Vestuário; Inclusão.

Abstract: *the present article aims to establish a theoretical framework with recommendations for designers and stylists to develop clothing collections for autistic people. To achieve this purpose, an asystematic review of scientific literature was conducted, which allows us to understand this research as bibliographic, basic and qualitative study. The theoretical findings enabled the elaboration of 10 recommendations that, in turn, were organized into aesthetic, functional, and material groups.*

Keywords: *Autistic Spectrum Disorder; Clothing Collection; Inclusion.*

¹ Bacharelanda em Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Possui experiências em Fundamentos do Design gráfico e Assuntos Estudantis. Possui interesse na área de acessibilidade para pessoas com deficiências na área do vestuário e ergonomia.

² Bacharelanda em Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

³ Bacharelanda em Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Bolsista de extensão na Revista de Ensino em Artes, Moda e Design (REAMD). Possui interesse na área de modelagem do vestuário e tendências.

⁴ É doutorando em Design na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É mestre em Design de Vestuário e Moda (2020) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). É pós-graduando em marketing (2018) pela Universidade de São Paulo (USP). É graduado em Moda (2014) pela Udesc. Atualmente, é pesquisador do Programa de Excelência Acadêmica (Proex) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3236784093903342>

⁵ É doutor em Engenharia de Produção (2000) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É mestre em Engenharia Civil (1995) pela UFSC. É graduado em Engenharia Sanitária (1988) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atualmente, é professor efetivo do quadro docente da UFSC, onde coordena o Núcleo de Abordagem Sistêmica do Design (NASDesign). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5673108770491112>

⁶ Endereço eletrônico do grupo de pesquisa no Diretório dos grupos de pesquisa do Brasil no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/571566>

Introdução

Mesmo diante do interesse mundial pela inclusão, as pessoas autistas permanecem distantes dos sistemas habilitantes que podem conferir-lhes condições de vida mais dignas. Entre esses sistemas está o vestível que, por sua vez, abrange peças de vestuário e acessórios, tais como bolsas e sapatos. Enquanto o sistema vestível está voltado para as pessoas neurotípicas, os indivíduos que apresentam algum grau de neurodivergência estão obliterados e proscritos do mercado de moda convencional. Entre esses indivíduos destaca-se os sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (NEWEEL, 2003; LIMA, 2022).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2022), o TEA pode ser caracterizado por *déficits* persistentes na comunicação social e na interação de um dado indivíduo para com seus pares, o que pode ocorrer em diversas instâncias e contextos, desde os que envolvem reciprocidade social e comunicação não verbal, até os que dizem respeito às habilidades de desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Como uma importante ferramenta de padronização e atualização sobre os transtornos mentais, o manual leva em consideração que o diagnóstico de TEA pode ocorrer a partir da presença de padrões repetitivos de comportamento, interesses restritos e atividades recorrentes. Contudo, esses sintomas podem não ser identificados facilmente, visto que os sujeitos autistas podem modificá-los ao longo do seu desenvolvimento pessoal ou mascará-los de inúmeras maneiras na tentativa de facilitar o convívio social.

Em relação ao vestuário, torna-se necessário destacar que, para uma parte expressiva das pessoas autistas, há dificuldades táteis que estão relacionadas com determinados tipos de materiais, cujas texturas e acabamentos podem provocar desconforto em indivíduos com hipersensibilidade. Não sem motivo, quando esse desconforto atinge níveis altos de estresse, os usuários tendem a despir-se das peças, ainda que estejam em público ou em contextos desfavoráveis. Até mesmo em níveis baixos de exposição ao toque, o desconforto ocasionado pelo vestuário pode gerar irritabilidade e uma sensação permanente de mal-estar (LIMA, 2022).

Ao investigar a relação de crianças autistas com o vestuário, Lima (2022) compreendeu que além da hipersensibilidade, os sujeitos com TEA também podem apresentar uma capacidade motora pouco desenvolvida ou mesmo atrofiada, o que limita suas atividades cotidianas e tarefas como vestir-se ou despir-se. Por essa razão, a autora acredita que as peças de vestuário voltadas para o público autista devem ser projetadas a partir da elucidação de suas demandas e particularidades.

Assim como parte dos indivíduos neurodivergentes, as pessoas autistas têm demandas específicas que transcendem as necessidades habituais dos sujeitos convencionalmente considerados como o público de interesse dos negócios de moda. Não raro, observa-se que esses empreendimentos estão direcionados para atender carências imaginadas para uma personagem genérica, cujos anseios se limitam a um painel de referências imagéticas (CASSERELEY; ORMEROD, 2003).

Para sobrepor esse entrave, torna-se importante superar a percepção dos sujeitos autistas como pessoas enquadradas nos preceitos do modelo médico de reabilitação mental e entender que seus gostos individuais envolvem diversos atributos, dentre eles a aparência, a estética e a forma dos objetos — vestíveis ou não — que têm sido suplantadas em nome de uma funcionalidade mecanicista (CASSERELEY; ORMEROD, 2003; NEWELL, 2003). Feitosa, Figueirôa e Nagai (2018) corroboram o argumento ao afirmarem que os artefatos projetados para pessoas neurodivergentes ainda apresentam um aspecto hospitalar e uma aparência utilitarista, isto é, trata-se de produtos com baixo potencial de atração estética.

Nesse contexto, Feitosa, Figueirôa e Nagai (2018, p. 8) chamam a atenção para uma lacuna científica: “[...] mais pesquisas voltadas para a correlação entre o design e o desenvolvimento de produtos para o público do espectro autista são imperativas, já que [...] tais artefatos podem contribuir positivamente para uma melhor interação [...]” dos sujeitos autistas para com as demais pessoas ao seu redor. Ao prover um aumento na capacidade social desses indivíduos, os profissionais de design e moda também podem criar formas de socialização que impactam na maneira como a sociedade lida com as pessoas com autismo.

À vista dessa problemática, o presente artigo tem como objetivo traçar um quadro teórico com recomendações para designers e estilistas desenvolverem coleções de vestuário para pessoas autistas. Para alcançar esta finalidade, foi realizada uma revisão assistemática e narrativa da literatura científica. As obras consultadas foram escolhidas por conveniência e afinidade ao tema de pesquisa, sem terem sido estabelecidos, previamente, critérios de inclusão e de exclusão. Os achados teóricos foram tratados qualitativamente, seguindo uma postura epistemológica interpretativista com inclinações indutivistas (GIL, 2008). Com isso, acredita-se que o resultado obtido possa ser relevante em outros cenários e para diferentes sujeitos, sejam eles neurodivergentes ou não.

Nessa lida, espera-se cativar os profissionais da área e manter em alta o interesse do mercado e da sociedade pela busca contínua da inclusão no vestuário. Estima-se, ainda, que os achados

teóricos possam servir de modelo e contribuir para tornar a experiência de compra e uso mais agradável para pessoas com outros transtornos ou deficiências.

Por fim, destaca-se que este trabalho está estruturado em duas partes fundamentais a partir da introdução: (I) a revisão teórica sobre a condição das pessoas com TEA e sua relação com o vestuário, que termina com a apresentação do quadro com recomendações que sintetizam os achados da pesquisa; e (II) as considerações finais que, por enquanto, encerram o estudo.

Vestuário para pessoas com autismo

Lima (2022) comenta que o termo *Transtorno do Espectro Autista* foi utilizado pela primeira vez por um psiquiatra suíço de nome Eugen Bleuler para descrever aspectos relacionados com a esquizofrenia, por volta de 1911. À época, entendeu-se que o autismo era uma condição de saúde que limitava o desenvolvimento humano. Entretanto, no tempo presente, apesar da divergência entre as pesquisas da área, pode-se compreender o autismo como “[...] um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando *déficit* nas dimensões sociocomunicativa e comportamental [...]” (LIMA, 2022, p. 9), tal como citado na introdução desta pesquisa.

Nesse sentido, Bosa (2002) destaca a ideia de tríade de comprometimentos. Segundo a autora, os sujeitos autistas apresentam comprometimentos na linguagem, na comunicação e no comportamento social, o que pode levá-los a ritualizarem ações cotidianas e apresentarem estereotípias motoras e linguísticas. Não raro, essas condições afetam a relação do indivíduo com as informações sensoriais capturadas pelo tato. Todavia, Bosa (2002, p. 34) esclarece que “[...] nem todos os autistas mostram aversão ao toque ou isolamento [social] [...] alguns, ao contrário, podem buscar o contato físico, inclusive de forma intensa, quando não ‘pegajosa’, segundo pais e professores [...]”. Isto permite dizer que, a aversão a determinadas superfícies e aos estímulos táteis pode variar de indivíduo para indivíduo, e que cada caso deve ser analisado em suas particularidades.

No contexto das pessoas autistas que apresentam uma hiper-reatividade sensorial relacionada com o toque, observa-se reações que vão desde um desconforto leve até uma resposta agressiva e involuntária. Lima (2022) acredita que essa hipersensibilidade pode ser amenizada com terapia ocupacional que, quando realizada adequadamente, pode contribuir para melhorar o processamento dos estímulos sensoriais dos sujeitos autistas. No entanto, Ray, Ghosh e Bhatt (2018) encorajam

designers e estilistas a retirarem das peças de vestuário todo tipo de dispositivo que pode acionar uma sobrecarga sensorial.

Ao examinarem os resultados obtidos em sua pesquisa, Ray, Ghosh e Bhatt (2018) perceberam que o toque tem uma relação direta com o bem-estar psicológico dos indivíduos com TEA e a sensação de conforto/desconforto gerada em relação à roupa. Apesar de poder ser aplicado o Protocolo de Wilbarger⁷ para casos de desconforto moderado ou intenso, a pressão terapêutica pode ser um instrumento eficaz na reconciliação tátil. Essa pressão está associada com o uso de peças de vestuário terapêutico. Os autores explicam que esses artefatos vestíveis apresentam dispositivos com pesos que podem ser acionados por pressão ou compressão. Em geral, o vestuário terapêutico tem demonstrado um resultado positivo com crianças com TEA, mas seu uso pode ser considerado ainda incipiente e paliativo.

Ray, Ghosh e Bhatt (2018) citam como exemplo de vestuário terapêutico: coletes, colares, cintos e faixas modeladoras com pesos para serem usadas nos braços, ombros e tornozelos, entre outros. Nessa mesma perspectiva, Feitosa, Figueirôa e Nagai (2018) mencionam o caso do colete Squease Vest® (Figura 1). Trata-se de uma tecnologia assistiva que tem como objetivo fornecer ao usuário condições de retornar a um estado de tranquilidade e calma de maneira autônoma, quando diante de uma crise eminente. Para isso, o indivíduo pode bombear ar para o colete por um mecanismo acoplado na parte inferior da peça que faz com que sua superfície infle. Além de ser um artefato que pode ser usado por baixo de outras roupas, o colete contribui para a saúde mental do usuário, pois não o estigmatiza como pessoa neurodivergente.

⁷ Ray, Ghosh e Bhatt (2018) explicam que o Protocolo de Wilbarger consiste em um tratamento de coordenação tátil baseado em três procedimentos: escovagem, pressão articular e peso. Em geral, depois de aplicar um peso profundo em diversas partes do corpo, usa-se uma escova delicada sobre a pele do paciente e, por fim, emprega-se um artigo com peso substancial, como um cobertor, por alguns minutos.

Figura 1: Colete Squease Vest®



Fonte: Feitosa, Figueirôa e Nagai (2018, p. 4).

Além do vestuário terapêutico, ilustrado pelo colete Squease Vest® (Figura 1), há o vestuário adaptável. Kabel, McBee-Black e Dimka (2016) afirmam que se trata de peças de roupas fabricadas e comercializadas diretamente para consumidores que possuem alguma necessidade específica. Esses produtos são construídos sob medida e, em geral, fazem uso de artifícios funcionais para substituir aviamentos, materiais, modelagens e sistemas convencionais. Como exemplos, as autoras mencionam que o cós tradicional pode ser substituído por um cós elástico apropriado para o tamanho e a idade do usuário; amarrações e velcros podem assumir o lugar de fechos, botões e zíperes que tornam complexa a tarefa de vestir e despir produtos para pessoas com baixa destreza manual ou artrite; a modelagem das roupas pode ser pensada para sujeitos com uma curvatura espinhal acentuada como aqueles com osteogênese ou espinha bífida; entre outros.

Ressalta-se que, seja com o nome de vestuário terapêutico ou de vestuário adaptável, os artefatos vestíveis possuem uma estreita relação com o bem-estar físico e psicológico das pessoas autistas. Diante dessa percepção, torna-se primordial que designers e estilistas considerem os usuários com TEA em suas mais diversas particularidades no exercício projetual de novas coleções. Como observado, essas coleções devem atender demandas e lacunas deixadas pelas roupas convencionais e promover a inclusão dos sujeitos autistas sem estigmatizá-los ou apostar em produtos meramente funcionais.

Assim, a partir da literatura consultada, elaborou-se o Quadro 1, que apresenta uma síntese dos achados teóricos da pesquisa organizada em três agrupamentos: (I) recomendações estéticas; (II) recomendações funcionais; e (III) recomendações materiais.

Quadro 1: recomendações para designers e estilistas desenvolverem coleções de vestuário para pessoas autistas

| Recomendações | Embasamento teórico |
|--|---|
| Grupo I — Recomendações estéticas | |
| 1. As peças da coleção não devem apresentar estampas chamativas ou com excesso de informações visuais para não causar uma sobrecarga sensorial nos indivíduos com TEA. | Kabel, McBee-Black e Dimka (2016) e Ray, Ghosh e Bhatt (2018) |
| 2. A coleção deve apresentar um estilo próprio e aspectos estéticos agradáveis, não sendo unicamente funcional. | |
| Grupo II — Recomendações funcionais | |
| 3. A interface dos artefatos vestíveis não deve apresentar ícones ou símbolos, tampouco aspectos abstratos ou metafóricos. | Feitosa, Figueirôa e Nagai (2018) |
| 4. As peças da coleção não devem emitir sons ou luzes inesperadas para não colocar a pessoa autista em estado de defesa sensorial. Para isso, sugere-se que os zíperes tradicionais sejam substituídos por aberturas com amarrações e que os aviamentos sejam foscos com uma superfície escovada para evitar reflexos. | Ray, Ghosh e Bhatt (2018) |
| 5. Além de ser fácil de vestir e de desvestir, as peças devem ser resistentes a movimentos bruscos que podem causar rasgos e, consequentemente, ruídos. | |
| 6. Faz-se importante que as peças sejam pesadas ou apresentem formas de acionamento por pressão ou compressão para adicionar peso aos artefatos já vestidos. Isso auxilia no controle do desconforto. | |
| 7. As peças de vestuário podem ter uma forração reforçada para os indivíduos com TEA poderem utilizá-las sem, obrigatoriamente, fazerem uso de roupas íntimas. | Feitosa, Figueirôa e Nagai (2018) e Ray, Ghosh e Bhatt (2018) |
| Grupo III — Recomendações materiais | |
| 8. Para controlar a hipersensibilidade sensorial, as peças da coleção não devem ser texturizadas e ásperas ou apresentarem relevos tridimensionais significativos. | Lima (2022) |
| 9. Os materiais têxteis empregados na coleção não devem possuir odores fortes ou ter costuras salientes. | Ray, Ghosh e Bhatt (2018) |
| 10. As peças não devem receber etiquetas indicativas tradicionais. Para isto, sugere-se que as instruções de uso e manutenção sejam estampadas sobre as peças pelo lado direito, isto é, estejam do lado de fora dos produtos. | |

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Torna-se importante destacar que o Quadro 1 não esgota as possibilidades de se discutir o tema, tampouco é suficiente para abranger todas as necessidades dos sujeitos autistas em relação ao vestuário e aos acessórios. Nesse sentido, assume-se que, por seu viés puramente teórico, o resultado encontrado representa uma síntese da literatura consultada para a pesquisa, mas não expressa a totalidade dos fatos. Com isso, os autores querem sublinhar a necessidade de se ampliar o uso de

referências bibliográficas e de testar os resultados em campo, com pessoas autistas, cuidadores, profissionais de saúde e familiares.

ola@grandesite.com.br

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo traçar um quadro teórico com recomendações para designers e estilistas desenvolverem coleções de vestuário para pessoas autistas. Para tanto, foi realizada uma revisão da literatura científica que foi sintetizada por meio de um quadro de recomendações. Ao total, 10 recomendações foram listadas e organizadas em grupos conforme sua natureza estética, funcional ou material.

Para estudos futuros, sugere-se que uma revisão sistemática da literatura científica seja conduzida em articulação abordagens qualitativas. Recomenda-se que o instrumento de coleta de dados contemple entrevistas, estudos de caso e triangulações, a fim de criar um corpo de conhecimento robusto. Por fim, salienta-se que apesar do trabalho se limitar a um ensaio teórico, desde já, seus autores preveem a continuidade da pesquisa e sua aplicação prática em campo.

Referências bibliográficas

APA — AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5. ed. [S.I.]: American Psychiatric Association Publishing, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/45WuN78>. Acesso em: 12 maio 2023.

BOSA, C. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. *In*: BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. (org.). **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 21-40.

CASSERELEY, C.; ORMEROD, M. The legal argument for inclusive design. *In*: CLARKSON J., KEATES S.; COLEMAN R.; LEBBON C. (Orgs.). **Inclusive Design**. Londres: Springer, 2003, p.143-154. Disponível em: <https://bit.ly/42CMQwn>. Acesso em: 10 maio 2023.

FEITOSA, M. A. F.; FIGUEIRÔA, C. F.; NAGAI, L. A influência do design emocional em projetos de artefatos inclusivos para autistas — estudo de caso: *squease vest*. *In*: CONGRESSO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 13., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: Blücher Design Proceedings, 2018. p. 1-12. Disponível em: <https://bit.ly/45XrIDO>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KABEL, A.; MCBEE-BLACK, K.; DIMKA, J. Apparel-related participation barriers: ability, adaptation and engagement. **Disability And Rehabilitation**, Londres, v. 38, n. 22, p. 2184-2192, 5 jan. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3CmhkrC>. Acesso em: 06 jun. 2023.

LIMA, T. G. C. de. **Design e vestuário para crianças com Transtorno do Espectro Autista**. 2022. 77 f. TCC (Graduação) — Curso de Graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3JbmCdf>. Acesso em: 09 jun. 2023.

NEWELL, A. F. Inclusive design or assistive technology. *In*: COLEMAN, R.; KEATES, S.; LEBLON, C. (Orgs.). **Inclusive Design: Design for the whole population**. Londres: Springer, 2003, pp. 172-181. Disponível em: <https://bit.ly/43ViupL>. Acesso em: 20 maio 2023.

ROY, A.; GHOSH, H.; BHATT, I. A study on Tactile Defensiveness in Children with Autism Spectrum Disorder. **Journal of National Development**, Meerut, v. 31, n. 2, p. 74-83, ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3qv77GA>. Acesso em: 24 maio 2023.

